

4

A Neurose narcísica

Tomando por base a história do desenvolvimento do Eu, Freud inicialmente irá afirmar não haver neurose narcísica na infância. Sua argumentação é centrada na relação entre o desenvolvimento do Eu e de seus objetos e a escolha das neuroses. Assim, propõe uma seqüência em que as neuroses são apresentadas de acordo com o momento de sua aparição na vida do sujeito. A neurose de angústia é seguida da histeria de conversão, que surge em torno dos quatro anos. A neurose obsessiva é situada como aparecendo na pré-adolescência. A demência precoce tem seu aparecimento remontado à puberdade e a melancolia-mania, assim como a paranóia, têm sua eclosão próxima à maturidade.

Nessa concepção, as fixações em etapas anteriores do desenvolvimento da libido como determinantes das disposições para as afecções psíquicas estão presentes na caracterização da melancolia como sendo baseada numa identificação narcísica com o objeto. É interessante ressaltar a escala desenvolvimentista para situar as neuroses narcísicas. A paranóia tem sua gênese remetida a uma regressão à escolha homossexual e narcisista de objeto, a melancolia a uma fase narcísica, e a demência precoce ao auto-erotismo.

A condição do aparecimento da melancolia é uma identificação narcisista descrita em “Totem e Tabu” (1913) como uma identificação com o pai primitivo morto, que teria sido admirado como um tipo ideal. Portanto, esta identificação se caracteriza por estar referida a um ideal, de natureza narcisista (Freud, 1913/1974, p.73-81).

O campo clínico da melancolia e os mecanismos do luto serão o terreno fértil de emergência dos conceitos citados. A teoria da melancolia desenvolvida em 1917 enfatiza a ambivalência e o narcisismo envolvidos na constituição do Ideal do Eu. Resulta de perturbações relativas ao Ideal do Eu, diferenciando-se do modelo da neurose obsessiva, que toma como apoio a construção do Supereu.

Neste ponto, nos deteremos para diferenciar estas instâncias, já que aparecem citadas indistintamente na obra freudiana. No texto de 1917, para

nomear uma instância crítica que se separa do Eu e parece dominá-lo, como acontece na melancolia através da crítica e da autodepreciação, Freud concebe um sistema que compreende duas estruturas parciais: um Ideal do Eu e uma instância crítica.

Mais tarde, em 1923, num sentido lato e pouco diferenciado, o Supereu engloba duas funções: uma crítica e uma ideal, encarnando a lei e proibindo transgressões. A formação do Supereu na vertente da lei é o correlato do declínio do complexo de Édipo, como resultado de uma série de precipitados em virtude da operação realizada pela ameaça de castração. Na trama edípica são valorizadas as identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos, marcando a vertente cultural que porta, através da idealização.

Somente em 1932, nas “Novas Lições de Introdução à Psicanálise”, Freud estabelece as funções do Supereu: a auto-observação, a consciência moral e a função ideal, desmanchando assim a indistinção inicial, de 1923, no artigo “O Eu e o Isso”.

O Supereu abarca a função da interdição e, através do Ideal do Eu avalia o Eu em suas aspirações. Daí, a importância dessas instâncias para o desenvolvimento de um modelo para a melancolia.

Em sua teorização a partir dos textos freudianos, a melancolia tem como âncora uma perda objetual, um modo de ligação objetual narcísica (em oposição à de apoio), uma identificação narcísica e uma severa autocrítica, resultado da relação ambivalente com o objeto perdido.

Apresentaremos, através da análise do percurso teórico do problema colocado pela conceituação do narcisismo, os elementos importantes para compreender a situação nosográfica da melancolia em 1924, já dentro da nova terminologia dos conflitos interinstâncias próprios da lógica estabelecida pela segunda tópica.

Encontramos na “Conferência XXVI” (Freud, 1917) uma teoria da libido onde identificamos algumas indicações importantes, que veremos em seqüência.

Estabelecendo que o conflito patogênico se dá entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, Freud liga a produção de angústia às pulsões sexuais, ao passo que a insatisfação das pulsões do Eu não a desencadearia. Desta forma, na discussão com Jung a respeito da visão monista das pulsões que o psiquiatra suíço

defendia, Freud mantém sua visão de que o conflito é fundamental. Situemos essa discussão.

Freud mantém a hipótese de uma “antítese” (Freud, 1914/1974, p.96) entre as pulsões sexuais e as egóicas. Tendo como pano de fundo as dificuldades com a análise de Schreber, Jung teria proposto estender o conceito de libido, “desistindo de seu conteúdo sexual” (Freud, 1914/1974, p.96). De forma contundente, Freud afirma:

Podemos, então, repudiar a asserção de Jung, segundo a qual a teoria da libido não só malogrou na tentativa de explicar a demência precoce, como também, portanto, é eliminada em relação às outras neuroses (Freud, 1914/1974, p.96).

Para manter a distinção entre as pulsões, Freud toma o narcisismo como complemento libidinal do egoísmo (Freud, 1917/1974, p.487). Como decorrência dessa linha de pensamento, na “Conferência XXVI” afirma que a hipótese de que a libido objetual possa se transformar em libido narcísica seria a “única possibilidade para resolver o enigma do que se denomina neuroses narcísicas” (Freud, 1917/1974, p.490). Esta hipótese marca a diferença entre o campo das neuroses narcísicas e as psiconeuroses propriamente ditas: a neurose obsessiva e a histeria. Partindo dessa tese, Freud afirma, encerrando a discussão com Jung, que “libido é libido sempre, seja orientada para os objetos, seja para o ego. Nunca é transformada em interesse egoísta” (Freud, 1917/1974, p.490). Esta hipótese de que a libido oscila entre o objeto e o Eu é uma importante contribuição. Normalmente, essa plasticidade libidinal se manifesta durante o sono, permitindo que o indivíduo retire a libido dos objetos, retornando para estes ao acordar. Nas neuroses narcísicas, existe um processo análogo, com o recolhimento da libido dos objetos e sua volta para o Eu.

Uma diferença entre as neuroses de transferência e as neuroses narcísicas é estabelecida no aspecto clínico, já que o campo dos fenômenos é o mesmo, mas que as resistências no caso de uma neurose narcísica são intransponíveis (Freud, 1917/1974, p.493).

Para avançar nessas questões clínicas a respeito das resistências é preciso “lançar um olhar por sobre o muro narcísico” (Freud, 1917/1974, p.494),

indicando que, para uma melhor compreensão de determinados sintomas, como a megalomania, devem-se buscar elementos que uma teoria sobre o narcisismo possa oferecer. Desta forma, o tipo de escolha objetal operado nas neuroses narcísicas corresponde a um processo em que o Eu de uma pessoa é substituído por um objeto, tão semelhante quanto possível a ele. Freud escreve:

... podemos concluir que o melancólico, na realidade, retirou do objeto sua libido, mas que, por um processo que devemos chamar de “identificação narcísica”, o objeto se estabeleceu no Eu, digamos, se projetou sobre o Eu. [...] O Eu da pessoa então é tratado à semelhança do objeto que foi abandonado e é submetido a todos os atos de agressão e ódio vingativo, anteriormente dirigidos ao objeto (Freud, 1917/1974, p.498).

É possível encontrar na melancolia o ponto em que se torna viável “obter alguma compreensão (*insight*) da estrutura interna da doença”, diz Freud (1917/1974, p. 498), referindo-se a um melhor entendimento dos delírios.

Na “Conferência XXVII”, intitulada “Transferência” (1917), Freud continua a comentar as questões técnicas na psicanálise dos melancólicos. Afirma que a melancolia, assim como a paranóia e a demência precoce, de um modo geral são casos “intocados e impenetráveis ao tratamento psicanalítico” (Freud, 1917/1974, p.503). Ao se estender sobre a razão para esta afirmativa, oferece uma indicação importante para o andamento de nossa tese: o alto grau de consciência a respeito da condição humana que os melancólicos possuem, e este seria o motivo pelo qual sofrem tanto.

... o sujeito melancólico percebe diretamente o que fundamentalmente constitui o “drama humano”, a saber, o estatuto imaginário da identidade, que ele não cessará de denunciar na recusa de todo investimento de objeto, até mesmo de seu próprio corpo (Lambotte, 1997, p. 298)

Esta consciência, porém, não os torna mais acessíveis ao estabelecimento da transferência, condição essencial para a possibilidade do tratamento psicanalítico. Destacamos este aspecto, já considerado por outros autores (Pinheiro [2005] e Lambotte [1997]) como características discursivas e clínicas, peculiar, que justifica repensarmos o manuseio técnico nesta afecção, que não pode tomar como referência a clínica da histeria. Surge assim a necessidade de construirmos um campo diferente para a interpretação dos sintomas melancólicos.

Ao descrever a dificuldade de estabelecimento da neurose de transferência nos portadores de neuroses narcísicas, Freud aponta que estes só demonstram indiferença e frieza ao lidar com as tentativas de intervenção por parte do analista. “Não se impressionam [...] Eles permanecem como são” (Freud, 1917/1974, p.520). O autor sustenta que seus investimentos objetais devem ter sido abandonados e que a libido objetal correspondente foi transformada em libido narcísica. Conseqüentemente, distingue a melancolia da histeria, da neurose obsessiva e da neurose de angústia (Freud, 1917/1974, p.521), que encaminhariam de formas diferentes a libido para objetos substitutivos.

Quanto a este aspecto, Pinheiro (2005) nos dá uma importante colaboração ao apontar que o modelo identificatório dos melancólicos assume uma forma diferente daquele da histeria, o que resulta em uma produção fantasmática diferente, assim como uma forma discursiva e uma relação com o corpo peculiares. Isto torna a abordagem desta afecção necessariamente diversa daquela com que Freud trabalhou nos primeiros anos de sua clínica, nos moldes da neurose de transferência.

A título de complementar a descoberta freudiana, Pinheiro (2005) toma como exemplo o terceiro momento da montagem fantasmática do “Bate-se numa criança” (Freud, 1919). Para melhor situar este momento, ressaltamos que Freud investigava a construção da fantasia, na forma de um relato muito característico. Os histéricos e obsessivos relatavam sua fantasia de que uma criança era espancada (*ein Kind wird geschlagen*). Freud, em sua investigação, divide a fantasia em três fases (Freud, 1919/1976, 232-234): na primeira fase, representada pela frase “o meu pai está batendo na criança”, são articuladas recordações de eventos ou desejos que foram despertados; a segunda fase, “estou sendo espancada pelo meu pai”, que é masoquista, é a mais importante e significativa para Freud, já que nunca é recordada, ficando inconsciente, e ele a considera o protótipo da fantasia; já na terceira fase, “estão espancando uma criança” (*Ein Kind wird geschlagen*), os agentes na cena são encobertos, exigindo um trabalho psíquico que só pode ser desvendado transferencialmente. Essa última característica é análoga à fantasia do melancólico, uma fantasia sem antecedentes, sem futuro, de forma anônima, impessoal e universal.

O mundo fantasmático do melancólico tem a característica de não articular passado, presente e futuro. Esta dimensão não-contígua de seu discurso torna suas

queixas pontuais, não historicizadas, sem trazer conseqüências reflexivas. Ele não consegue fazer uma narrativa onde se coloca como um dos personagens articulados no tempo. Esta é uma característica na qual o manejo transferencial apresenta dificuldades operacionais, acarretando clinicamente uma produção ideativa sem consistência, talvez a que Freud identificou como a presença de “traços insuficientes” (Freud, 1917/1974, p.520) de transferência que o melancólico porta, o que se manifesta em sua indiferença. Seu discurso, em análise, é uma seqüência de imagens descritas pormenorizadamente e sem afetação, ou seja, sem uma marcação libidinal em que os objetos possam ter valores diferentes e em diferentes momentos. Tem-se a sensação subjetiva de um nivelamento discursivo onde a diferença se encontra anulada.

A libido trazida para dentro do Eu, ao invés de ser deslocada para outros objetos substitutivos, como se dá no final do luto neurótico desencadeia dentro do Eu uma situação caracterizada por autocríticas severas. A indiferença com relação aos objetos, apontada anteriormente, é notadamente reforçada pelo único interesse que o melancólico tem: uma tentativa defensiva de dar sobrevida a este seu objeto perdido, internalizado, mesmo que mantenha uma ambivalência não resolvida, como “um diálogo interior entre duas partes do psiquismo” (Butler, 2003, p.96). O resultado desta operação é que a raiva, originalmente sentida pelo objeto, muda de alvo, voltando-se para o Eu com furor igual ao dispensado anteriormente ao objeto quando pertencia à realidade externa. Assim, a recusa à perda objetal é imperiosa e “a internalização se torna uma estratégia de ressuscitação mágica do objeto perdido, não só porque a perda é dolorosa, mas porque a ambivalência sentida em relação ao objeto exige que ele seja preservado até que as diferenças sejam superadas” (Butler, 2003, p.97). Fédida corrobora este ponto ao escrever:

Essa ambivalência significa que o meio mais seguro de se preservar da perda do objeto é destruí-lo para mantê-lo vivo. A incorporação canibal não é de forma alguma o ato simbólico da resolução da perda. Ela é a satisfação-imaginária da angústia alimentando-se do objeto perdido – objeto cuja “perda” foi de algum modo necessária para que ele permanecesse vivo e presente em sua realidade primitiva alucinatoriamente conservada. O canibalismo seria, então, a expressão mítica de um luto melancólico – espécie de assassinato – de um objeto, sob o encanto do qual o Eu foi colocado e do qual não consegue resolver-se a se separar, como mostra a angústia de mantê-lo presente a partir de sua ausência (Fédida, 1999, p.67).

Isto nos leva a uma discussão a respeito da autocrítica rigorosa empreendida pelo melancólico.

Uma visita ao artigo “Psicologia de Grupo e Análise do Eu”, de 1921, pode nos auxiliar. Nele encontramos a vigência da pulsão de morte postulada em 1920 e constituinte de uma nova dualidade pulsional. Vale lembrar que foi exatamente porque não se podia considerar o ódio, plausivelmente originado pelo Eu, como oposto ao amor, que Freud promoveu essa torção teórica: a origem do ódio passou a ser remetida à pulsão de morte.

Freud afirma que a identificação “é ambivalente desde o início” (Freud, 1921/1976, p.133), assinalando que nas relações com os objetos estão presentes tanto a corrente terna quanto a hostil, com um colorido constituinte e universal. A identificação tem como protótipo a incorporação tal como foi concebida nos primeiros estágios da libido oral. Freud chama a atenção para uma particularidade. Na megalomania, algumas vezes, o Eu assume as características de quem foi amado e, outras vezes de quem foi odiado. “A identificação com um objeto que é renunciado ou perdido, como um sucedâneo para esse objeto – introjeção dele no Eu - não constitui verdadeiramente mais novidade para nós” (Freud, 1921/1976, p.137). Com esta frase, Freud está se referindo à melancolia como uma afecção que é precipitada pela perda “real ou emocional de um objeto amado” (Freud, 1921/1976, p.137-138). O autor destaca a severa e cruel autodepreciação do Eu, que revela, inequivocamente, o processo de introjeção do objeto no Eu. O resultado é uma divisão do Eu, em que uma de suas partes vocifera contra a outra, sendo que uma delas é a que foi alterada pela introjeção e inclui o objeto perdido (Freud, 1921/1976, p.137-138). A outra parte do Eu, que ataca o objeto introjetado no Eu, atua como uma consciência moral, instância crítica dentro do próprio Eu, que assume a crueldade. Esta instância crítica é que abarca como vimos na “Conferência XXVI”, “as funções de auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência no recalque” (Freud, 1921/1976, p.137-138).

Devemos, pois, investigar a razão da exacerbação destas funções na melancolia e que caráter o Ideal do Eu assume nesta afecção. Não se pode

desconsiderar a importante relação que esta instância tem com os objetos perdidos, recuperados no interior do Eu pela introjeção⁸.

No livro *A casca e o núcleo*, escrito por Nicolas Abraham e Maria Torok (1995), este processo é descrito como “uma comunhão de bocas vazias” (Abraham e Torok, 1995, p. 245). Esta metáfora é então explicada, nos dando clareza deste procedimento psíquico. Inicialmente, os autores estabelecem a diferença entre os termos associados, incorporar e introjetar.

“A incorporação corresponde a uma fantasia⁹ e a introjeção, a um processo” (Abraham e Torok, 1995, p. 243). Desta maneira, descrevem um processo que tem como ponto de partida “as experiências do vazio da boca” (Abraham e Torok, 1995, p. 245). Na criança assistida pela mãe, esta experiência é vivida inicialmente por gritos e choros, em meio aos cuidados maternos, condição do surgimento da linguagem. Sobre este aspecto, escrevem os autores:

A passagem da boca cheia de seio à boca cheia de palavras se efetua por meio de experiências de boca vazia. Aprender a preencher com palavras o vazio da boca é um primeiro paradigma da introjeção. Compreende-se que ela só pode se operar com a assistência constante de uma mãe que possua a linguagem (Abraham e Torok, 1995, p. 246).

A seqüência dessas experiências gera na criança um grau de garantia que, com o tempo, pode acarretar a substituição da presença materna por palavras. A introjeção serve, portanto, para dar conta de um desejo, uma dor ou uma situação, assinalam os autores. A metáfora alimentar utilizada por eles mostra-se apropriada por refletir os momentos iniciais da vida. “Operar essa passagem é conseguir que a presença do objeto dê lugar a uma auto-apreensão de sua ausência... e só pode ser compreendida no seio de uma comunidade de bocas vazias” (Abraham e Torok, 1995, p. 246).

Esta argumentação teórica é relevante para que possamos compreender o aprofundamento que Karl Abraham empreenderá acerca da teoria da libido, em que nos deteremos mais adiante, quando poderá ser captada a profundidade da

⁸ Sándor Férenczi criou o termo “introjeção” para designar um processo de alargamento do Eu, tomando como condição exemplar o amor de transferência. A introjeção permite estender ao mundo exterior os interesses que primitivamente são auto-eróticos, através da inclusão dos objetos do mundo externo no Eu

⁹ Por fantasia, os autores vão considerar uma produção do Eu, “anterior ao processo, produto do psiquismo como um todo em contraposição com a realidade. Assim, realidade é tudo aquilo que cause uma modificação tópica, enquanto que fantasia é tudo que mantém o *status quo* tópico” (Abraham e Torok, 1995, p. 243).

citação que os autores fazem ao indicar que toda incorporação terá sempre “a introjeção como vocação nostálgica” (Abraham e Torok, 1995, p. 247).

Quando Freud escreveu “Luto e Melancolia” (1917), estava em jogo a descoberta de uma lógica que tinha a identificação como conceito diferenciador. A distinção que se pretendia, entre o luto normal e o melancólico, tinha como referência os tipos de incorporação que eram operados. Havia uma incorporação neurótica que acarretava um luto normal em oposição a uma incorporação do tipo narcísico, encontrado na melancolia.

O trabalho do luto torna-se então o reflexo da dimensão econômica, sob o ponto de vista metapsicológico, que a perda objetual provoca. No luto, o objeto com o qual o Eu se identifica parcialmente sustenta uma dimensão temporal para que novos objetos possam ser investidos. Daí, o aforismo “cessa o luto quando cessa a luta”.

Nesta perspectiva, o melancólico será explicado, por Abraham e Torok como portador de um “idílio vergonhoso” tendo constrangimento sempre que algum objeto que lhe sirva de esteio desapareça, por ser revelador dos vestígios de seu “objeto do amor oculto” (Abraham e Torok, 1995, p. 255).

Certamente, pode ser identificado nesta teorização o cunho narcísico que se encontra em jogo neste envergonhar-se e, por isso, na melancolia o Eu tem que ser confrontado com o Supereu. Este confronto acarreta uma tensão permanente.

Na análise da tensão existente entre o Eu e o Ideal do Eu, que Freud considera natural e necessária, a melancolia aparece como exemplo de uma exacerbação da tensão entre essas duas instâncias. Na fase depressiva da melancolia o Eu é governado com aspereza pelo Ideal do Eu; na mania, o Eu pode, temporariamente ter-se fundido com o Ideal do Eu (Freud, 1921/1976, p.166), abolindo toda a autocrítica, desfrutando da ausência de suas inibições no que diz respeito a si mesmo e aos outros, com o sentimento de triunfo característico dessa fase. Apesar das dificuldades de avaliar a periodicidade entre depressão e mania na melancolia, há um ponto indiscutível. Na base de tais relações tempestuosas entre o Eu e o Ideal do Eu, encontra-se a perda de um objeto amado que teria demonstrado ser indigno de investimento amoroso, sendo então severamente condenado pelo Supereu, quando erigido dentro do Eu por identificação. “As censuras e ataques dirigidos ao objeto vêm à luz sob a forma de autocensuras melancólicas” (Freud, 1921/1976, p.167).

Na apresentação da segunda tópica, em 1923, no artigo “O Eu e o Isso”, Freud avança na teorização do Supereu, nos ajudando a compreender a relação conflituosa entre essa instância e o Eu, que será postulada em 1924 como característica das neuroses narcísicas, incluído então os quadros melancólicos. Acompanhemos o desenvolvimento de Freud.

No capítulo III do artigo de 1923, Freud se detém nas relações entre o Eu e o Supereu, ainda confundido com o Ideal do Eu. Tendo postulado no capítulo anterior que o Eu seria uma parte do Isso modificada pela realidade, Freud acrescenta que essa operação se complexifica pela emergência paralela de uma outra instância, “o Ideal do Eu ou Supereu”, que como vimos é resultado de uma gradação (*Stufe*) que se diferencia no interior do Eu. A melancolia é usada como exemplo da existência desta formação posto que há nestes sujeitos a presença de uma identificação substitutiva de um investimento objetal perdido que está em luta contra o próprio Eu. Isto caracteriza uma ação que envolve duas instâncias diferentes, o Eu e o Supereu. Em outra perspectiva, a formação do caráter também é usada como exemplo da presença de alterações no Eu que, através de substituições e deformações, dão origem ao Ideal do Eu. Assim, Freud “conceitua claramente o Eu na companhia perpétua do Ideal do Eu, o qual atua como agência moral de vários tipos” (Butler, 2003, p.97).

Neste ponto, a distinção anterior proposta em “Luto e Melancolia” (1917), que focaliza somente a diferença dos tipos de investimentos objetais, desaparece. Ou seja, em 1917 o que importa é que o investimento objetal retirado poderia, ou não, ser transferido para objetos substitutivos. Em 1923, tanto o luto normal como o melancólico são compreendidos segundo uma mesma lógica, ou seja, nas duas situações se realiza uma operação de substituição de um amor perdido por uma identificação, sendo esta a única condição em que o Isso pode abrir mão de seus objetos. Certamente, a distinção entre o luto normal e o luto melancólico se situa no novo investimento que se segue à perda objetal e conforme o tipo de identificação que ocorre nestas situações. No luto normal investem-se novos objetos, enquanto na melancolia permanece uma insistência mortífera em investir o mesmo objeto, acarretando um sofrimento intenso. Embora ainda não houvesse uma explicação exata desta substituição, o fato inegável é que um objeto, ao ser abandonado, pode se erigir dentro do Eu, transformando-o (Freud, 1923/1976, p.43). No entanto, o âmbito do mecanismo de identificação vai se ampliar

enormemente. Se antes dava conta dos processos de luto e de melancolia, agora a identificação também é chamada para dar conta da própria constituição do Eu e das instâncias ideais - Ideal do Eu e Supereu -, que são diferenciações especiais dentro de um Eu, ele mesmo um composto de identificações.

Voltamos a assinalar que neste texto de 1923 Supereu e Ideal do Eu são nomenclaturas indistintas, mas vale notar que, quando Freud quer valorizar a função ideativa, usa o Ideal do Eu e, quando o aspecto destacado é a função punitiva, refere-se quase sempre ao Supereu, embora saibamos que o Ideal do Eu é a forma pela qual o Supereu mede as aspirações do Eu.

Na sublimação há uma transformação da libido objetal em libido narcísica, ocorrendo uma dessexualização, ou seja, uma mudança da satisfação sexual para uma não-sexual, procedimento necessário para que um novo investimento objetal se realize, de forma a substituir o precedente que teve que ser abandonado. É importante ressaltar que quando Freud fala da dessexualização está se referindo a uma mudança de alvo da pulsão (*Sexualziele*). O que é “dessexualizado” não é a pulsão, mas o objeto-alvo.

Na medida em que o investimento objetal permanece o mesmo, na melancolia podemos inferir que a idéia de hemorragia interna, metáfora colocada por Freud no *Manuscrito G*, ocorre pelo permanente escoamento da libido erótica para o objeto erigido dentro do Eu, e que a anestesia, também proposta como característica da melancolia, se dê pelos mesmos motivos, ou seja, por esgotamento dos investimentos eróticos que este objeto suscita. Assim, a realidade perderia seu valor de captura das moções pulsionais.

Butler (2003) acrescenta um outro aspecto que nos interessa para entender a dinâmica melancólica. Como a raiva e a culpa tomam o cenário discursivo do melancólico? A esta pergunta, ela responde:

As perdas internalizadas do ego são restabelecidas como parte desse agente de escrutínio moral, como a internalização da raiva e da culpa originalmente sentidas pelo objeto em sua forma externa. No ato de internalização, a raiva e a culpa, inevitavelmente aumentadas pela própria perda, voltam-se para dentro e são preservadas [...] Assim, o ego cede sua raiva e eficácia ao ideal do ego, o qual se volta contra o próprio ego que o mantém e preserva; em outras palavras, o ego constrói um modo de se voltar contra si mesmo (Butler, 2003, p.97).

Partindo do “caráter triangular da situação edipiana e da bissexualidade constitucional de cada indivíduo”, Freud (1923/1976, p.46) constrói uma gênese do Supereu que envolve os procedimentos identificatórios descritos. A formação do Ideal do Eu conjuga, desta forma, os vínculos experimentados pela vivência infantil e as aquisições da espécie presentes no Isso, resultando em um Ideal do Eu que “responde a tudo que é esperado da mais alta natureza do homem”. A tensão resultante das tendências apetitivas e das realizações do Eu cria sentimentos sociais que “repousam nas identificações” (Freud, 1923/1976, p.51-52), e se manifesta no Eu como sentimento de culpa. Freud conclui:

A maneira pela qual o Supereu surge explica como é que os primitivos conflitos do Eu com os investimentos objetivos do Isso podem ser continuados em conflito com o seu herdeiro, o Supereu. Se o Eu não alcançou êxito em dominar adequadamente o Complexo de Édipo, o investimento energético do último, originando-se do Isso, mais uma vez irá atuar na formação reativa do Ideal do Eu (Freud, 1923, p.53-54).

No capítulo V de “O Eu e o Isso” (1923), intitulado “As relações dependentes do Eu”, Freud ressalta o caráter constitutivo das identificações, ampliando sua teoria sobre a constituição do Supereu. A posição especial que o Supereu assume no Eu se deve a dois aspectos que constituem suas origens. O primeiro é que ele resulta da identificação primária ocorrida quando o Eu ainda era “fraco” (*Schwäliche*), e o segundo são suas relações com os resíduos das identificações secundárias, herança da trama edipiana.

A partir do “fator moral” (Freud, 1923/1976, p.66), que Freud entende como expresso por um sentimento de culpa resultante da tensão entre o Eu e o Ideal do Eu, compreendemos o processo de condenação do Eu pela instância crítica. Freud considera que esta tensão se encontra muito acirrada em duas afecções : na neurose obsessiva e na melancolia.

Na melancolia, o Eu não faz qualquer objeção e se submete ao castigo imposto por ele, diferentemente do que ocorre na neurose obsessiva, em que a possibilidade de erigir uma formação de compromisso está presente. Na melancolia não haverá qualquer possibilidade de mediação ou atenuação da vertente crítica, que se torna cruel e impiedosa. Enquanto na neurose obsessiva “o que estava em questão eram impulsos censuráveis que permaneciam fora do Eu”

(Freud, 1923/1976, p.67), na melancolia, o objeto, mediante a identificação narcísica, encontra-se intacto dentro do próprio Eu.

O caráter imperioso e severo da censura do Supereu contra o Eu constitui o principal motivo de sofrimento dos pacientes melancólicos. Freud ressalta o sadismo para com o mesmo objeto, já alojado no Eu. Desta forma, “uma cultura pura da pulsão de morte” (Freud, 1923/1976, p.70) cria um modo de operação que pode, em casos extremos, levar à morte. A severidade e a crueldade, portanto, são manifestações destrutivas da pulsão de morte. A crítica excessiva exercida pelo Supereu contra o Eu demonstra que este último perdeu aquilo que, frente à morte, o salva do desamparo, que é o amor do Supereu, equivalente do aspecto protetor exercido pelo pai na tenra infância.

Em 1924, no artigo “Neurose e Psicose”, Freud apresenta a aplicação de suas concepções de 1923 numa tentativa nosográfica, projeto que remonta ao texto “As Neuropsicoses de defesa” de 1894, onde postulava a diferença entre neuroses atuais e neuroses de defesa, com base na sexualidade infantil e no mecanismo de defesa. Aqui, em 1924, as afecções são explicadas a partir do tipo de conflito existente entre as instâncias apresentadas na segunda tópica. Assim, “a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu e o Isso, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o Eu e o mundo externo” (Freud, 1924/1976, p.189). Porém, uma ressalva é importante: o funcionamento do psiquismo é calcado na noção de conflito como “um estado de coisas” (Freud, 1924/1976, p.189) que toma a neurose de transferência como referência, ou seja, o Eu entra em conflito com o Isso, obedecendo às exigências criadas pelo Supereu e pela realidade. O Supereu, enquanto representante das influências do mundo externo, obriga ao Eu a tomar seu partido e inibir as exigências do Isso através do recalque. Na neurose, a criação de sintomas resulta da função mediadora do Eu, que oferece ao Isso objetos substitutivos. Na psicose, como vimos, há um distúrbio do relacionamento entre o Eu e o mundo externo sem mediação do Supereu. As neuroses narcísicas são explicadas pelo resultado do conflito entre o Eu e o Supereu.

Como consequência, Freud postula o Eu em um “enfoque de fórmulas” (Freud, 1924/1976, p.192), abrindo um novo campo de pesquisa que, no caso da melancolia, necessita de um exame mais detalhado deste tipo de vassalagem a que o Eu se submete. A íntima relação com o Isso e com a realidade externa, da qual

se torna representante, faz do Supereu o responsável pelos ruídos sintomáticos do quadro da melancolia. Escreve Freud:

A atitude do Supereu deveria ser tomada em consideração – o que até aqui não foi feito – em toda forma de afecção psíquica. Podemos provisoriamente presumir que tem de haver também doenças que se baseiam em um conflito entre o Eu e o Supereu. A análise nos dá o direito de supor que a melancolia é um exemplo típico desse grupo, e reserváramos o nome de “psiconeuroses narcísicas” para distúrbios desse tipo. Tampouco colidirá com nossas impressões se encontrarmos razões para separar estados como a melancolia das outras psicoses (Freud, 1924/1976, p.192).

Em 1933, na “Conferência XXXI”, intitulada “A dissecação da personalidade psíquica”, Freud ratifica a importância da dimensão conflitiva entre o Eu e o Supereu, ao se referir à severidade com que o Supereu trata o Eu na melancolia. Ressalta que o aspecto mais evidente dessa crueldade se encontra neste estado onde o

... Supereu se torna supersevero, insulta, humilha e maltrata o pobre Eu, ameaça-o com os mais duros castigos, recrimina-o por atos do passado mais remoto, que haviam sido considerados, à época, insignificantes – como se tivesse passado todo o intervalo reunindo acusações e apenas tivesse estado esperando por seu atual acesso de severidade a fim de apresentá-las e proceder a um julgamento condenatório, com base nelas. O Supereu aplica o mais rígido padrão de moral ao Eu indefeso que lhe fica à mercê; representa, em geral, as exigências da moralidade, e compreendemos imediatamente que nosso sentimento moral de culpa é expressão da tensão entre o Eu e o Supereu (Freud, 1933 [1932]/1976, p.79).

Com base no exposto, propomos avaliar a melancolia em seu caráter singular, reafirmando ter esta afecção um quadro clínico típico e uma forma discursiva própria que refletirão sua especificidade conflitiva.

Dentre os autores contemporâneos de Freud, Karl Abraham se destaca por suas importantes contribuições para as formulações apresentadas até aqui a partir de sua teoria da libido, como veremos a seguir.